

Notas de Programa

*Marcelo Batuíra Losso Pedroso**

Carlos Gomes – Abertura da ópera “Fosca”

Composta em quatro atos, a ópera “*Fosca*”, de Antônio Carlos Gomes (1836-1896) teve o libreto em italiano escrito por Antonio Ghislanzoni (o mesmo autor do libreto da ópera *Aida*, de Verdi), com base no romance “*La festa della Maria*”, de Luigi Capranica. É por muitos considerada a maior obra prima do compositor, acima, inclusive do *Il Guarany*. A ópera obteve um relativo sucesso desde sua estreia em 16 de fevereiro de 1873, no Teatro Alla Scala de Milão. Foi apresentada 15 vezes consecutivas e tornou Carlos Gomes conhecido em todo mundo.

Infelizmente, essa maravilhosa ópera é pouco levada em cena. Algumas de suas partes, contudo, ficaram no repertório de concerto: a abertura, a marcha e a ária do primeiro ato, “*Ah! Fratello! Cedi al grido del mio straziato cor!*”. Com o sucesso de *Il Guarany*, no Teatro Alla Scalla, em 1870, Carlos Gomes queria ser lembrado pela sua qualidade artística e não pelo exotismo de suas composições. Assim começa o trabalho de sua nova ópera, *Fosca*, cujo enredo se passa em Veneza, cheio de piratas, liderados pelo irmão de Fosca, os quais raptam o nobre Paolo. Fosca, é claro, se apaixona por Paolo e por aí todo drama se desenvolve até a loucura de Fosca.

Nessa ópera, Carlos Gomes desenvolve uma orquestração robusta e um tratamento vocal refinado, com harmonias ousadas e grandes saltos vocais, com nítida influência wagneriana. Mário de Andrade, em artigo de 1936, assim definiu: “A Fosca realmente representa, dentro da obra do campineiro, o talvez único momento em que

ele pretendeu se elevar acima de si mesmo e avançar na arte, um pouco além da italianidade sonora de seu tempo”.

Antonín Dvořák - Danças Eslavas ns. 1, 7 e 8, Op. 46

Johannes Brahms (1833-1897) chamou a atenção de Fritz Simrock (1837-1901) dono de uma casa editora, fundada por seu avô em 1793, para o talento de um compositor tcheco chamado Antonín Dvořák (1841-1904). Em maio de 1878, Simrock encomenda ao compositor tcheco uma série de oito danças no mesmo modelo das (já famosas) *Danças Húngaras*, de Brahms, pois havia uma maior chance de sucesso nas vendas. Simrock as encomendou para piano a quatro mãos, pois naquela época abundavam os pianistas na Europa.

Dvořák compõem assim sua primeira série das *Danças Eslavas* (a Op. 46) e por esta, recebe a módica quantia de \$300 marcos alemães. Muito embora fosse pequeno o valor recebido, era então o maior que recebera por uma composição sua. Além da versão para piano a quatro mãos, Dvořák, ele mesmo, cuidou em orquestrá-las. Simrock publicou as duas versões simultaneamente em agosto de 1878.

Essa série foi um divisor de águas na vida de ambos: Dvořák ficou famoso e Simrock rico. O instantâneo sucesso desta série de danças, de harmonia simples, cativantes, alegres e bem orquestradas, ganharam o palco das orquestras de todas as grandes cidades da Europa e até na América. Foi a partitura musical da Editora Simrock mais vendida no mundo.

Por conta desse sucesso de vendas, Simrock encomendou uma nova série de oito danças eslavas (a Op. 72), porém, pagou por estas dez vezes mais que a primeira série.

Ao contrário do que fez Brahms em suas *Danças Húngaras*, Dvořák não se utilizou de melodias folclóricas eslavas, mas criou suas próprias melodias forjadas em formas, ritmos e estilos de danças populares das nações do Leste Europeu, tais como *furiant*, *polka*, *sousedská*, *a mazurka*, *a odzemek*, *a dumka*, *a kolo*, *a špacírka* e *skočna*.

A primeira (em dó maior) e a oitava dança (em sol menor), tomam por base a "*furiant*", uma enérgica e antiga dança tcheca em que o ritmo muda constantemente, como um rondó com três temas melódicos. Marcadamente rápida (*presto*), inicia-se estrondosa e rapidamente modula entre os tons maiores e menores.

A sétima dança (em dó menor), "*skočná*", é uma rápida dança eslava, normalmente no compasso 2/4, foi utilizada também por Smetana na famosa "Dança dos Comediantes", da ópera "*A Noiva Vendida*".

Brahms – Sinfonia n. 2 em ré maior, Op. 73

Johannes Brahms (1833-1897) compôs sua segunda sinfonia durante o verão de 1877 na pitoresca vila austríaca de Pörtlach, banhada pelo lago Wörth, juntamente com o tortuoso moteto "*Por que é dada luz aos miseráveis?*". Parte dessa aura sombria contaminou sua sinfonia, especialmente no primeiro movimento quando ouvimos o estrondo dos tímpanos e os lúgubres trombones.

O próprio compositor fornece-nos a explicação: "devo confessar que sou uma pessoa rigorosamente melancólica, as asas negras estão constantemente batendo sobre mim e o resultado é esta sinfonia, perseguida pelo espectro do meu moteto. Ele joga uma sombra necessária na sinfonia, talvez por conta dos tímpanos e trombones." Pörtlach se mostrou um lugar muito produtivo para o compositor que lá escreveu

muitas obras significativas. Numa carta ao crítico Hanslick, Brahms confessou: "as melodias voam tão abundantes aqui que tenho que tomar cuidado de não tropeçar nelas".

Brahms gastou 14 anos (de 1855 a 1876) compondo sua primeira sinfonia, mas apenas 4 meses para a segunda. A causa disso foi em parte sua elevada auto-exigência sobre a qualidade de suas partituras; em parte por ainda pairar o colossal fantasma de Beethoven, o qual redefiniu a forma sinfônica e elevou todo o patamar sinfônico com a grandiosidade de sua última sinfonia.

Mas esses 14 anos de trabalho valeram o esforço, Brahms atingiu o que poucos conseguiram da primeira vez: uma obra prima sinfônica. A melhor sinfonia já escrita desde a 9ª de Beethoven (de 1824). Para a segunda Sinfonia, Brahms já se sentia muito mais confiante na escrita sinfônica e esta fluiu tranquilamente na cidade de Pörtschach.

A Sinfonia n. 2 Op. 73 abre serenamente com as trompas e sopros para depois entrarem as cordas. Essa melodia cresce a partir de três notas (ré-dó#-ré) soadas pelos baixos e cellos. Essas três notas são a semente temática de toda a sinfonia, as quais a ouviremos recorrentemente por toda obra. Segue-se então um abafado rufar dos tímpanos e repetem-se as mesmas três notas pelos trombones e pela tuba, como se uma tempestade ameaçasse o idílio pastoral criado por Brahms.

O segundo movimento abre com uma das mais belas melodias criadas por Brahms, executada pelos violoncelos. É um movimento marcado por passagens de pungente desespero, criado graças à instabilidade tonal do tema dos violoncelos: contraste entre a placidez e o turbilhão. Um tema soado pelo oboé abre o terceiro movimento: *allegretto grazioso*, o qual é uma transformação daquelas três notas, tema do primeiro movimento. Por fim, Brahms dá ao seu *finale* forma-sonata, retendo os

trombones até a recaptulação, quando enfim aparecem, banhados de luz, em conjunto com o restante da orquestra, num exultante tema.

De fato, suas maravilhosas melodias, um imbatível solo feito pelas trompas e sopros no final do primeiro movimento criam uma arquitetura musical de tal forma cativante que se alastra por toda obra. Um segundo movimento cheio de mistério e um breve terceiro movimento de conclusão tornam a sinfonia perfeita, segundo a quase unanimidade dos musicólogos.

*É doutor em Direito pela USP e pós graduado pela The Anderson School of Management da UCLA – Los Angeles e diretor do Jornal de Piracicaba.